

DIÁLOGOS ENTRE CULTURA, NEGRITUDE, LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO

Eveline Alvarez dos Santos¹
(Secretaria de Educação/ Estado da Paraíba)

Quando estamos diante de palavras como *negritude* e *literatura*, sabemos que há muitas possibilidades de diálogos quando elas se aproximam no âmbito escolar e no cultural.

Durante muito tempo, em nossa literatura, percebemos que a *negritude* se apresenta de várias formas, em diferentes épocas e nos mais diferentes estilos literários existentes. As questões ligadas às discussões afro-brasileiras e africanas têm estado em evidência a cada dia que passa, no meio acadêmico e no sociocultural.

Antes de dar início aos diálogos a que nos propusemos aqui, precisamos saber o que seria essa *negritude*. Segundo Zilá Bernd (1988), *negritude* é uma palavra que causa confusão devido às várias significações que detém. Um dos seus significados envolve o fato de um indivíduo pertencer à raça negra e os valores históricos e culturais dados especificamente a essa raça. Bernd, tomando como base o dicionário Aurélio, afirma que a *negritude* é:

1) estado ou condição das pessoas de raça negra; 2) ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura ocidental (BERND, 1988, p.16).

Pautando-nos no conceito de Bernd, podemos dizer que *negritude* é um conceito que se manifesta através da história e que busca substituir o pensamento ocidental por um pensamento de valorização à raça negra, que ficou perdido na fase pré-colonial. Essa retomada aos valores da cultura e da história afro-brasileira e africana está presente em várias áreas de discussões. A literatura é um lugar onde podemos encontrar manifestações do conceito de *negritude*. Não raras vezes, como um conceito que aparece diluído, velado ou de uma maneira mais transparente para o leitor.

Pensando na literatura infantojuvenil como um agente auxiliar na construção de saberes, dizemos que ela desempenhará um papel importante no processo de retomada da subjetividade negra. A Professora Anória Oliveira, em seus estudos, traz o pensamento de Nelly N. Coelho (1993) sobre a importante função da literatura infantojuvenil para o leitor jovem: “A literatura, em especial, a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade-em-transformação: a de servir como agente de

¹ Professora de Língua Inglesa do quadro Efetivo do Estado da Paraíba e Professora Pesquisadora do Curso de Letras Virtual da Universidade Federal da Paraíba. Possui Mestrado em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (2012), Especialização em Literatura e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Estadual da Paraíba (2011).

transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro; seja no ‘diálogo’ leitor/texto estipulado pela Escola” (OLIVEIRA, 2009, p. 158 *apud* COELHO, 1993, p.14).

O embate das lutas contra o racismo e os estereótipos em relação às questões étnico-raciais deve ser também elemento de discussão em nossa sala de aula. O eurocentrismo na literatura em questão é real e deve ser desvelado, como podemos perceber nas oportunas palavras da Professora Anória Oliveira:

Cabe, então, desvelar as *nuances* do eurocentrismo em nossas produções literárias, de modo a sinalizar caminhos plausíveis para a inserção dos segmentos étnico-raciais secularmente preteridos. Mas para tanto é necessário que, em primeiro lugar, haja uma efetiva sensibilização e conscientização dos (as) educadores (as) quanto às práticas racistas, considerando as implicações destas para a nação brasileira como um todo, e não só para a população negra e indígena, por exemplo (OLIVEIRA, 2009, p. 159).

É com a presença dessas nuances eurocêntricas na literatura infantojuvenil que o educador deve começar a repensar o seu papel em sala de aula e em suas práticas didáticas. Ele precisa sentir que está rodeado por práticas racistas e desenvolver um trabalho que, certamente, perpassa o conteúdo escolar e o processo de formação da criança e do adolescente.

Ensinando e aprendendo sobre *negritude* e cultura

A partir dos conceitos discutidos aqui, entendemos que é preciso pensar no papel do educador no processo de formação de opinião dos nossos alunos e em caminhos por meio dos quais eles possam se aproximar da questão *negritude*. Acreditamos que uma das melhores formas de levar esse tema para a sala de aula é através do livro paradidático, o qual deve ser um importante meio para se promover uma discussão produtiva, porquanto é um agente transformador. Se estamos num período em que as questões étnico-raciais estão passando por um processo de transformação, devido à obrigatoriedade da inclusão da história e das culturas afro-brasileira e africana em várias áreas de estudo, a necessidade de uma discussão sobre o tema vem se estendendo a cada dia.

A leitura de algumas obras da literatura afro-brasileira e da africana fez-nos perceber que, nas histórias infantis, os personagens negros são construídos e representados, frequentemente, de maneira negativa. Nas obras de escritores como Monteiro Lobato, por exemplo, podemos encontrar facilmente personagens que representam esses estereótipos. No conto, *Negrinha*, há uma protagonista que aparece na história como uma órfã, escrava, ingênua e que é constantemente hostilizada durante toda a narrativa. No início do conto, o autor nos apresenta Negrinha de maneira inferiorizada e como parte de um mundo de sofrimentos:

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida vivera-os pelos

cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças (LOBATO, 2000, p.78).

Personagens como Negrinha, que aparecem em nossa literatura nos anos cinquenta, sempre estiveram e ainda estão presentes nela. Cabe ao educador, através dos textos levados para a sala de aula, desvelar preconceitos enraizados e discutir assuntos relacionados ao tema.

Um ponto que consideramos importante, durante o processo de formação dos nossos alunos, é estimular esses alunos a terem contato com a cultura afro-brasileira e a africana. Alguns livros da literatura infantojuvenil podem ser bem funcionais para o professor formador. Para esta discussão, chamamos a atenção para dois livros que apresentam uma nova representação do negro na literatura infantojuvenil: ‘*Amanhecer Esmeralda*’, de Ferréz e ‘*As Tranças de Bintou*’, de Sylviane A. Diouf. Esses livros fogem ao padrão eurocêntrico concebido no decorrer da história. Ao ler o livro de Ferréz e observar suas imagens, o aluno verá que o negro aparece na história como um ser que tem seus valores identitários e que se importa com a própria história. Em conjunto com Igor Machado, o ilustrador da obra, Ferréz mostra à criança leitora as palavras, as cores e os traços que fazem parte do mundo da personagem Manhã.

É possível, através desses elementos e da narrativa em questão, conhecer um pouco da situação socioeconômica da personagem e perceber importantes questões étnico-raciais que estão sendo discutidas nos dias atuais. Um dos importantes fatores que notamos em ‘*Amanhecer Esmeralda*’ é como as cores das ilustrações do livro são relevantes na construção da narrativa e no processo de descoberta da identidade da personagem. Nessa obra de Ferréz, temos uma narrativa não verbal, em conjunto com a verbal, que começa em preto e branco.

Observemos a seguinte imagem:

Figura 1- Manhã acorda em sua realidade



Manhã aparece, inicialmente, desenhada em traços que mais parecem rabiscos e que se misturam com uma textura de carvão. A imagem em preto e branco nos apresenta uma personagem, a princípio, triste e não satisfeita com sua condição social e seus cabelos “rebeldes”. As ilustrações em preto e branco acentuam a problemática e a tristeza da personagem que ia à escola “sempre mal-arrumadinha, sempre acuada no canto da sala” (FERRÉZ, 2005, p.20).

O branco e o preto continuam presentes durante toda a narrativa, mas começam a perder espaço quando o professor de Manhã, sensibilizado com a história de vida da menina, presenteia-a com um vestido de cor esmeralda e é partir daí que as páginas do livro começam a tomar vida.

As cores e a ausência delas na obra nos mostram o crescimento da personagem e das descobertas de suas próprias raízes identitárias.

Vejam-se as imagens seguintes:

Figura 2 – Esmeralda



Figura 3 – A mudança



A figura 2 apresenta o momento em que a vida da personagem começa a mudar. O autor nos mostra que ela ainda não “está terminada”, pois sua identidade e raízes africanas não foram ainda descobertas. Já na figura 3, observamos uma mudança na personagem - sua identidade afro-brasileira vai crescendo gradativamente. Ao longo da narrativa, Manhã foi desenhada sem estereótipos. Seus traços são singelos e não erotizados. Ela admira os próprios cabelos, e quando consegue se reconhecer como uma menina negra, no espelho, fica feliz consigo mesma e com suas raízes afrodescendentes:

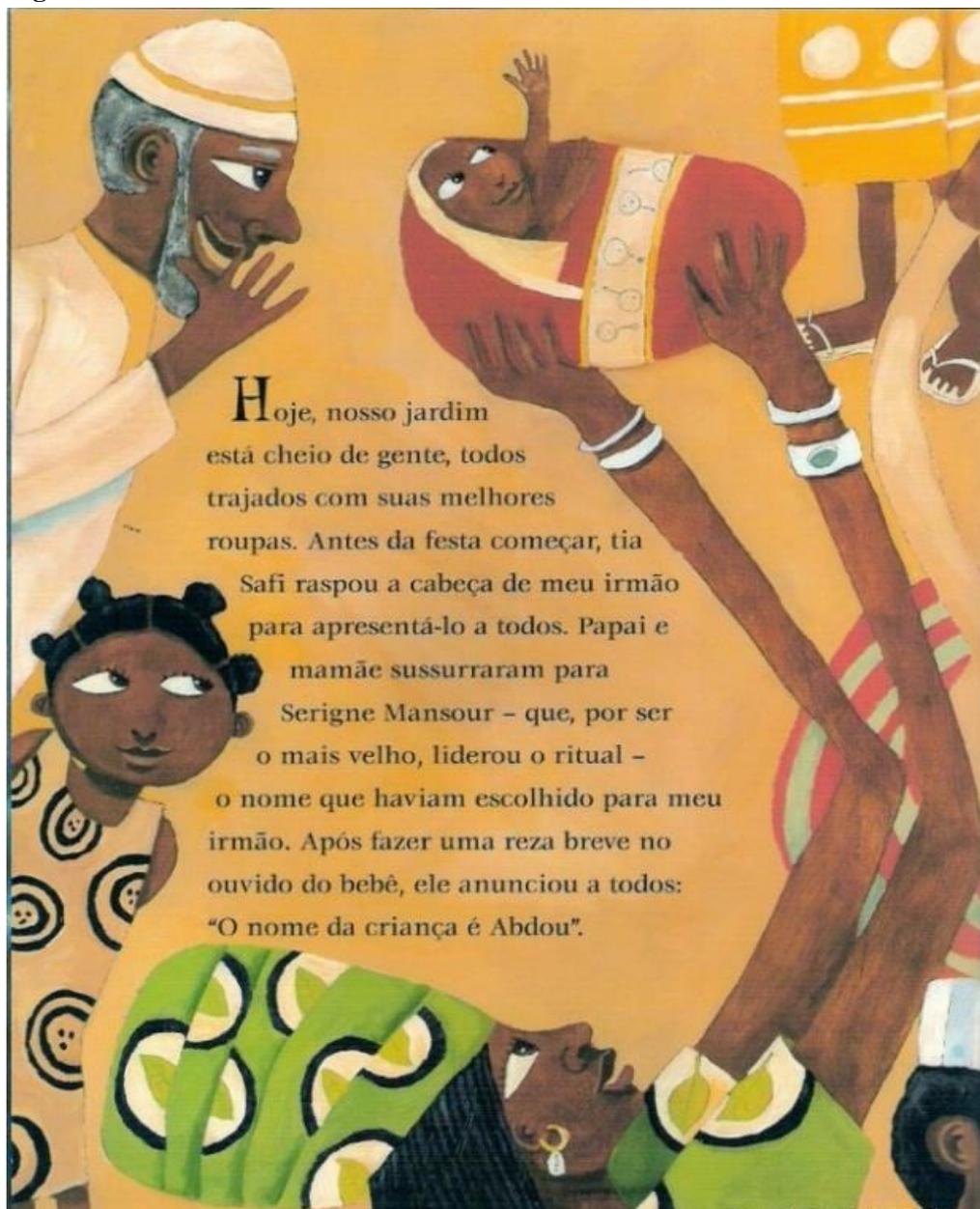
Foi ao banheiro e não teve que molhar o cabelo, pois as tranças estavam do jeito que foram feitas. Olhou bem para o rosto no espelho, e viu pela primeira vez os traços daquela rainha africana que Dona Ermelinda havia falado. Não tinha mais vergonha do nariz, não tinha mais vergonha de sua boca, era assim que deveria ser (FERRÉZ, 2005, p.45).

Quando pensamos em nossos alunos e leitores da literatura infantojuvenil, podemos perceber o quanto um livro como o de *Férréz* pode ser um agente transformador em nossa sala de aula e como as diferenças de raças e a identidade afrodescendente podem ser trabalhadas através das imagens e das palavras.

O segundo livro em questão - '*As tranças de Bintou*' - escrito por *Sylviane A. Diouf*, conta a história de Bintou, uma menina africana que sonha em ter tranças como as mulheres mais velhas da sua aldeia. Por ser ainda criança e com cabelos curtos, ela tem de se contentar com os pequenos birotos: "Meu nome é Bintou, e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo que tenho são quatro birotos na cabeça" (DIOUF, 2004, p.2).

Observemos a seguinte imagem:

Figura 4 – Cultura e valor



Podemos perceber que Bintou é representada positivamente e que alguns aspectos da tradição africana são ressaltados: a vestimenta das personagens, os adornos e toda a beleza e tradição que também estão voltadas para a valorização da família e do trabalho. A Professora Anória Oliveira nos chama a atenção para a importância da obra e a compara com *A África, meu pequeno Chaka*, de Marie Sellier:

[...] é possível inferir que se trata de produções inovadoras em relação à caracterização e ilustração dos personagens negros, por corroborarem para a valorização e ressignificação da *negritude*, dentro do viés de ruptura com a inferiorização dos seres ficcionais delineados, *a priori*, positivamente. O espaço social é a África, e os mais velhos são a fonte de sabedoria, os infantes são astutos, ativos e altivos, e a ilustração não é caricaturada nos dois textos (OLIVEIRA, 2008, p.6).

Podemos, então, dizer que, quando Bintou começa a aprender com sua avó coisas importantes relacionadas à sua cultura e à identidade africana, abre-se um diálogo sobre a importância histórica e cultural da África.

É importante aqui nos remetermos a um conceito de cultura, que varia de acordo com as diferentes áreas de estudo. Porém, aqui, tomaremos o conceito de Runholdo Aloysio Ullmann, que nos parece mais adequado para nossa discussão. O conceito de cultura, para Ullmann, é ligado à Antropologia. Ele refere que “cultura é todo comportamento humano-cultural, transmissão social. [...] é saudação dirigida a alguém, é a forma de educar a prole [...] é o modo de vida da sociedade. Cultura é um termo que dá realce aos costumes de um povo” (ULLMANN, 1980, p.86).

Pautados nesse conceito de cultura, podemos perceber, no livro em questão, aspectos culturais. Bintou, aos poucos, aprende cada vez mais sobre seus costumes, que são repassados pelos pais e pela avó da personagem principal. É através da transmissão de conhecimentos que Bintou começa a ter contato com sua história. A personagem inicia a narrativa de uma maneira triste, mas, com o passar do tempo, a avó a convence de que, mesmo sem as tranças, ela é uma menina muito especial e que seus birotos são bonitos. A avó enfeita os birotos com laços azuis e amarelos. Ela se olha no espelho e se vê bonita: “Foi-se a menina sem graça com quatro birotos na cabeça. No espelho, aparece uma garota com um lindo cabelo olhando para mim” (DIOUF, 2008, p. 27). Depois dessa passagem do livro, Bintou percebe que, mesmo pequena, já possui beleza. Ela mesma se apresenta: “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue, e sou muito feliz” (DIOUF, 2004, p.3).

Trabalhando com livros como ‘*Amanhecer Esmeralda*’ e ‘*As Tranças de Bintou*’ na sala de aula, o educador tem chances reais de despertar em seu aluno, branco ou negro, a curiosidade de aprender mais sobre a história e a cultura afro-brasileira e a africana. É importante lembrar que ter acesso a esse material didático é, para ele, uma chance de aprender mais sobre algo que está em destaque nas discussões sobre educação

e negritude. O professor terá também a chance de ampliar seus conhecimentos e [re] construir as próprias opiniões.

Assim, trabalhar com livros paradidáticos adequados, mostrando ao educando uma visão que reconhece, questiona e aceita as diferenças, é importante para sua formação e a do educador. Tratar de negritude, de cultura e de literatura em sala de aula é fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Some-se a isso o fato de que o livro paradidático é um caminho que nos permite fazer uma [re]leitura sobre o ser humano em sociedade e suas diferenças.

Referências Bibliográficas

BERND, Zilá. *O que é negritude?* São Paulo: Brasiliense, 1988.

DIOUF, S. A. *As tranças de Bintou*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

FERRÉZ. *Amanhecer Esmeralda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

LOBATO, MONTEIRO. *Negrinha*. São Paulo Brasiliense, 1956.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. “Personagens negros na Literatura Infanto-juvenil: Há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação”. In *Caminhos da leitura literária: propostas e perspectivas de um encontro*. Márcia Tavares Silva, Etiene Mendes Rodrigues (Orgs.) Campina Grande: Bagagem, 2009.

_____. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

_____. *Literatura afro-brasileira: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros*. XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, interações, convergências. USP, São Paulo, Brasil, 2008.

SELLIER, Marie. *A África, meu pequeno Chaka...* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

ULLMANN, Runholdo Aloysio. *Antropologia Cultural*. Escola Superior de Teologia. Porto Alegre. São Lourenço de Brindes, 1980.